

PETER SLOTERDIJK

FR **NTEIRAS**
DO PENSAMENTO

LIBRETO

A GRANDE VIRADA

TEMPORADA 2016



PETER SLOTERDIJK

(Alemanha, 1947)

Filósofo alemão. Considerado um dos renovadores da filosofia atual.

“Acredito que só faz sentido praticar filosofia hoje reavivando a tradição sofista de poder participar de qualquer debate. Quer dizer, precisaríamos de mais formação retórica, precisaríamos reunir nos seres humanos muito mais conhecimento geral de vida, de política, de ciência, de arte. Precisamos voltar a atrair filósofos que sejam decatletas da disciplina teórica.”

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2016

Curadoria

Fernando Schüler

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lampejo Studio

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

Nascido em Karlsruhe, Peter Sloterdijk é um dos mais conhecidos e lidos filósofos na contemporaneidade, considerado um dos renovadores da filosofia atual. Estudou filosofia, filologia germânica e história nas Universidades de Munique e Hamburgo, tendo concluído seu mestrado sobre “O estruturalismo como hermenêutica política” e o doutorado com uma dissertação sobre “Literatura e organização sobre experiência de vida”. Após o doutorado, foi morar na Índia para estudar filosofia oriental.

Na década de 1980, trabalhou como escritor autônomo e, já em 1983, lançou a obra que o classificaria como um dos maiores intelectuais alemães da atualidade. *Crítica da razão cínica*, com mais de mil páginas, se tornou o maior *best-seller* alemão de filosofia desde a Segunda Guerra Mundial.

Suas obras podem ser classificadas em três fases: o período inicial, nos anos 1980; o período intermediário, dos anos de 1990 a 2004, com a trilogia *Esferas*; e o atual período, iniciado em 2005, com livros como *A loucura de Deus*, *Derrida, um egípcio* e *Ira e tempo*.

Sua mais recente publicação é *Was geschah im 20. Jahrhundert?*, livro de ensaios sobre a globalização que aborda também a questão da migração e da crise dos refugiados, descrevendo o século XX como radical e surpreendente e analisando qual o caminho que a humanidade continua a percorrer no século XXI.

As maiores influências de Sloterdijk são a Escola de Frankfurt (mesmo com a sua antipatia por Jürgen Habermas), Michel Foucault, Martin Heidegger e a metafísica indiana.

Atualmente, é reitor da Escola Superior de Design, em Karlsruhe. Entre os docentes da instituição, encontram-se não apenas *designers* e artistas de novas mídias, mas também filósofos e sociólogos. E colabora frequentemente com artigos para conceituados jornais e revistas alemãs. Até 2012, ao lado do colega Rüdiger Safranski, apresentou o programa cultural *Das philosophische quartett*, exibido na cadeia de televisão estatal alemã ZDF, no qual abordava temas filosóficos e assuntos movimentados pela opinião pública.

Peter Sloterdijk classifica o papel da filosofia no século atual como marginal. Assim como Friedrich Nietzsche, argumenta que os filósofos contemporâneos precisam pensar de forma perigosa e se permitirem ser sequestrados pelas hipercomplexidades contemporâneas, abandonando o mundo nacionalista e humanista em nome de uma visão mais ampla do mundo, que seja ao mesmo tempo ecológica e global.

“Filósofos são produtores de conceitos, é esse o seu ofício. Eles vivem numa oficina onde se leva adiante o desenvolvimento de concepções que já existem. E essa é a relação interna com a atividade de designer. Pois design jamais significa inventar algo do zero, mas sim repensar mais uma vez objetos já existentes radicalmente – a partir das moléculas, por assim dizer –, de modo que sua aparência possa se transformar de novo. Embora o princípio da utilização, como tal, pareça ter chegado ao grau definitivo de desenvolvimento. Aparentemente, a maioria dos conceitos num vocabulário genérico já existe há muito. Mas, olhando-se um conceito de perto e o reprocessando, é possível dar seguimento à sua construção. Esse tipo de trabalho tem que estar sendo sempre recomeçado. Por isso, vivemos na era do design e do trabalho conceitual: a permanente reinvenção do mundo, partindo do princípio de que ele já existe e ainda assim não basta. De modo que sempre temos uma razão para começar tudo de novo.”

“Não sou um polemista, acho que a maioria das polémicas é medíocre. Os alemães polemizam quase sempre com armas cegas, com o porrete, e não com o florete. Eu diria que no terreno do debate intelectual não há mal-entendidos, mas apenas estratégicas leituras enviesadas e sistemáticas, más interpretações. Muitos não indagam o significado dos textos, e sim seu potencial de escândalo.”

“Todo trabalho cultural é um trabalho pós-catastrófico. Há 5 mil anos os seres humanos tentam superar o que aconteceu na época do dilúvio, nessas grandes catástrofes da Idade do Bronze. Todo o processo civilizatório é uma elaboração de cesuras catastróficas. E quando nada acontece durante um tempo mais longo, cria-se essa espécie de calma ilusória da qual estamos sendo convidados a acordar, no momento. Neste sentido, tem-se que dizer que vivemos numa época boa, pois ela contribui muito para o imperativo do despertar.”

“Viver é preparar-se, transformar-se, aceder ao estatuto do sábio, responder à tensão vertical que impõe modificar a própria existência. Também em resposta a esta tensão vertical, o meu trabalho se sintetiza na reformulação do imperativo numa forma consoante aos nossos tempos. Um imperativo que incita a fazer que o princípio que ‘move as tuas ações e o resultado das tuas ações’ sejam ambos compatíveis com as exigências do nosso saber ecológico e cosmopolita. O último horizonte, no qual se inscreve este projeto, é o de um novo movimento reformador em escala global, que apresente uma nova dimensão ecológica e ética a serviço da viabilidade de vida do planeta. É esta a perspectiva que considero necessária.”

ESTANTE



CRÍTICA DA RAZÃO CÍNICA

1ª edição - 1983 /

Edição no Brasil -

Estação Liberdade, 2013

Partindo de uma reflexão sobre o *Crítica da razão pura* de Kant, Sloterdijk destrincha e recompõe o legado da filosofia ocidental de cunho racionalista e progressista, visando romper os moldes clássicos de argumentação de Adorno e Horkheimer, de Sartre e de Foucault.



IRA E TEMPO

1ª edição – 2006 /
Edição no Brasil –
Estação Liberdade, 2012

Sloterdijk se afasta da visão psicanalítica que reduz o sentimento de ira a uma válvula de escape para desejos não realizados e redescobre a função desse conceito para o século XXI. Traçando um panorama da ira na história do pensamento ocidental, o filósofo resgata um olhar positivo sobre esse sentimento que já fora apreciado por ser a força motriz dos guerreiros e pedra fundamental no surgimento de heróis.

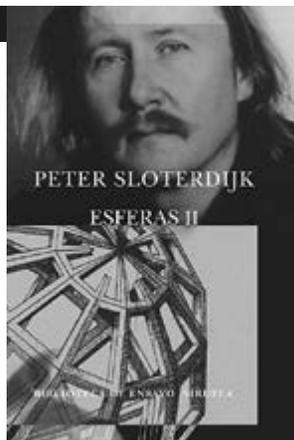


ESFERAS I

1ª edição – 1998 /
Edição na Espanha –
Siruela, 2003

Volume I da trilogia *Esfemas*, que começa convocando os sentidos, as sensações e o entendimento sobre o mundo para falar sobre o espaço vivido e vivenciado. A experiência do espaço é sempre a experiência primária de existir.

ESTANTE



ESFERAS II

1ª edição – 1999 /
Edição na Espanha –
Siruela, 2004

Volume II da trilogia *Esferas*, aborda a história do mundo político baseada nas imagens morfológicas da esfera e do globo. Neste livro, Sloterdijk mostra que todas as manifestações sobre a globalização sofrem de miopia.

NA WEB

WIKIPEDIA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Sloterdijk

SITE DA ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN / KARLSRUHE

<https://www.hfg-karlsruhe.de/> (em alemão)

WIKIPEDIA DA ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN / KARLSRUHE

https://en.wikipedia.org/wiki/Karlsruhe_University_of_Arts_and_Design (em inglês)

ENTREVISTAS

Erik Morse

Entrevista de Peter Sloterdijk a Erik Morse, traduzida e publicada pelo *site* Recanto das Letras, em outubro de 2011

<http://is.gd/Sloterdijk1>

<http://www.recantodasletras.com.br/entrevistas/3253310>

Peter Sloterdijk, um filósofo que se intromete

Entrevista para o *site* da *Deutsche Welle*, publicada em maio de 2011

<http://is.gd/Sloterdijk2>

<http://www.dw.com/pt/peter-sloterdijk-um-fil%C3%B3sofo-que-se-intromete/a-15058287>

Internet e literatura

Entrevista para o jornal *El País*, durante a Feira do Livro de Madri e publicada em maio de 2011 (em espanhol)

<http://is.gd/Sloterdijk3>

http://elpais.com/diario/2011/05/21/babelia/1305936736_850215.html

Harvard Design Magazine

Entrevista para a *Harvard Design Magazine*, publicada em março de 2009 (em inglês)

<http://is.gd/Sloterdijk4>

<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/30/talking-to-myself-about-the-poetics-of-space>

VÍDEOS E LINKS

Philosophie Sternstunde

Entrevista para o programa alemão *Philosophie Sternstunde*, publicada em setembro de 2014 (legendas em espanhol)

<http://is.gd/Sloterdijk5>

<https://www.youtube.com/watch?v=jcWbLNtmGj8>

Film for people

Entrevista para Ronald Glasbergen, publicada em junho de 2014 (legendas em inglês)

<http://is.gd/Sloterdijk6>

<https://www.youtube.com/watch?v=mUrj0whdmxQ>

A questão da técnica e da antropotécnica em Sloterdijk

Entrevista com o filósofo Franz Brüseke sobre o trabalho de Peter Sloterdijk, para o *site* do Instituto Humanitas Unisinos, publicada em abril de 2014

<http://is.gd/Sloterdijk7>

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/530655-a-questao-da-tecnica-e-da-antropotecnica-em-sloterdijk>

Peter Voss

Entrevista de Sloterdijk para Peter Voss, publicada em junho de 2013 (legendas em espanhol)

<http://is.gd/Sloterdijk8>

<https://www.youtube.com/watch?v=bnWhWpw91RI>

Hora da Coruja

Entrevista com o professor Rodrigo Petronio sobre o filósofo Peter Sloterdijk

<http://is.gd/Sloterdijk9>

<https://www.youtube.com/watch?v=RQXndaie3dA>

Peter Sloterdijk reconstrói suas matrizes do Ocidente: cinismo e ira

Resenhas dos livros *Crítica da razão cínica* e *Ira e tempo*, elaboradas por Rodrigo Petronio e publicadas do jornal *O Estado de S. Paulo* em julho de 2012

<http://is.gd/Sloterdijk10>

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,peter-sloterdijk-reconstrui-suas-matrizes-do-ocidente-cinismo-e-ira,899909>

NIETZSCHE, A TENSÃO VERTICAL E O HOMEM SEGUNDO SLOTERDIJK

POR ITAMAR SOARES VEIGA

Doutor em filosofia e professor da Universidade de Caxias do Sul (UCS). É autor de dois livros: *Linguagem científica e analogias formais* (2010) e *Cotidiano e queda - uma análise do parágrafo 38 de Ser tempo* (2013). Membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UCS - *stricto sensu* desde 2011.

Sloterdijk é um filósofo com uma obra imensa que dialoga com os temas da atualidade. Esse diálogo nem sempre é pacífico, ao contrário, geralmente é polêmico. Isso acaba por caracterizar a relação do autor com a comunidade filosófica acadêmica. O impacto dessas polêmicas revela dois aspectos importantes: o efeito em profundidade causado pelo eixo teórico que este filósofo assumiu e o simples fato de vivermos em uma época de transformações, grande parte delas devido ao desenvolvimento tecnológico. Sloterdijk é um autor que enfrenta temas contemporâneos.

Este segundo aspecto, dos temas contemporâneos, pode ser explicitado por outros autores semelhantes a Sloterdijk. A menção desses autores perfila um conjunto de interesses e de intervenções teóricas comuns que pode nos fornecer uma noção geral de quem é Sloterdijk. Uma pista deste caminho ficou manifesta em uma entrevista concedida por Jean Baudrillard em 2005, dois anos antes de sua morte.

Baudrillard afirmou que possuía “mais cumplicidade, hoje, com pessoas como Peter Sloterdijk, Giorgio Agamben” do que com a “situação atual do pensamento francês” (EINCHENBERG, 2005, p. 9). Por quê? O que levou Baudrillard a fazer esta associação?

Esta pergunta é respondida se nós conseguirmos reconhecer que Baudrillard também foi um autor independente, com ideias originais e com uma obra polêmica sobre temas contemporâneos. Entre as décadas de 1980 e de 1990, o seu trabalho foi cunhado pejorativamente de “pós-moderno”. Fatos semelhantes ocorreram com Sloterdijk, cujos destaques foram a sua publicação de *Crítica da razão cínica*, em 1983, e a sua conferência que resultou em uma discussão filosófica aberta, acompanhada na grande mídia alemã. Isso ficou conhecido como o “caso Sloterdijk”.

Nesta conferência, intitulada *Regras do parque humano*, Sloterdijk expõe sua perspectiva sobre as raízes da civilização. Ele afirma que há uma luta entre os princípios inibidores e desinibidores. A civilização depende da vitó-

ria da inibição através da prática de exercícios ascéticos e, mais recentemente, depende de técnicas possibilitadas pelos avanços tecnológicos. Isso poderá controlar a animalidade humana, propensa à desinibição. Aqui se desenvolve uma crítica inteligente das práticas civilizacionais (portanto, ainda inibidoras, mas ineficazes) do humanismo. Esta crítica retroage até Platão, no diálogo *Político*, e, influenciada por Friedrich Nietzsche, avança até os tempos atuais. É nos tempos atuais que se percebe o fracasso dos processos civilizacionais de cunho literário-humanista. Tais processos se traduziam assim: faça uma leitura de bons livros e, assim, alcance a sua educação. Esta “técnica” do humanismo está superada, diz Sloterdijk. Ela é superada pela tecnologia disponível e pelos recursos de controle, aqui se incluem a engenharia genética e formas de vigilância eletrônica.

No contexto não humanista, Sloterdijk não vai mais se ocupar de uma antropologia filosófica, mas sim de uma antropotécnica. O filósofo investiga os elementos que compõem o cenário cada vez mais crescente da criação de um parque temático de humanos. Ou seja, ele faz a constatação de que as cidades se transformaram, ou estão se transformando, em zoológicos para humanos. Também, neste mesmo contexto, outro autor mencionado por Baudrillard, Giorgio Agamben, se enquadra na discussão. Agamben trata da política mostrando que, cada vez mais, a animalidade tem sido preponderante na esfera pública, fazendo com que o estado de direito penetre no estado de exceção. Agamben explica que este fenômeno é um indí-

cio da entrada da *zoé* na *polis*, ou seja, de uma política que deve ser vista como biopolítica (AGAMBEN, 2010, p. 10-17).

Na sua investigação, Sloterdijk vai se revezar entre a crítica ferina da hipocrisia das propostas humanistas e o incentivo de um caminho pessoal de autoaperfeiçoamento. Mas qual é o eixo da filosofia de Sloterdijk? O eixo é uma decisiva influência nietzschiana. Esta influência se manifesta em suas críticas a respeito do modo como é compreendido o humano e o que deve ser feito com ele, tornando-o civilizado e não bestial. Sloterdijk manifesta nietzschianismo na conferência de 1999, quando examina o item “Da virtude que apequena”, na terceira parte de *Assim falou Zaratustra*.

Zaratustra se surpreende por encontrar em seu caminho várias casas pequenas e, também, pessoas pequenas, onde tudo é *menor*. Ele narra o que vê, e aprende que, entre estas pessoas “pequenas”: “Alguns deles querem; quanto a maioria, porém, outros querem por eles”. (Em alemão: “Einige von ihnen wollen, aber die Meisten werden nur gewollt”.) Nesta seleção, em que poucos querem para muitos, está em ação uma virtude de que todos sejam “bondosos e redondos”. Esta virtude resulta de uma domesticação. Existe um processo de controle e de domesticação dos impulsos desinibidores. Aproveitando ainda mais Nietzsche, Sloterdijk destaca algumas passagens impactantes, onde tal processo torna os humanos “os melhores animais domésticos para os homens” (NIETZSCHE *apud* SLOTERDIJK, 2000, p. 39). (Em alemão, a frase completa é: “Tugend ist ihnen das, was bes-

cheiden und zahm macht: damit machten sie den Wolf zum Hunde und den Menschen selber zu des Menschen bestem Haustiere”.) Para Sloterdijk, este processo de domesticação se encontra já em Platão (no diálogo *Político*). Ou seja, ele está em todo o desenvolvimento humano. O autor o exemplifica através das religiões, o tema na época atual:

Se reduzirmos essas “religiões” às suas características essenciais, mostram-se três complexos básicos dos quais cada um tem uma relação clara com a dimensão antropotécnica. Primeiramente, do lado dogmático: um clube de exercícios ilusionistas, rigidamente organizado, cujos membros no decorrer do tempo estão sendo impregnados com as concepções do *milieu*. Em seguida, do lado psicotécnico: um roteiro de treinamento para a exploração de todas as chances na luta de sobrevivência. Recorre-se, por fim, ao topo do movimento; podemos ver tudo, mas nenhum “fundador de religião”: na nossa frente está um inescrupuloso, radicalmente irônico, universalmente móvel, *business-trainer* (2009, p. 168).

A obra de 2009, citada acima, intitula-se *Você deve mudar a sua vida!* Ela ecoa a conferência de 1999, *Regras para o parque humano*. Em 1999, o foco principal da crítica era ainda o humanismo, ou os processos humanistas que es-

tão superados, mas não a necessidade de “domesticar” os humanos. O humanismo, que é uma herança grega, e que foi ampliado pelos modernos e iluministas, deve enfrentar a nova e atual situação científico-tecnológica:

Com o estabelecimento midiático da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiodifusão) e depois de 1945 (televisão) e mais ainda pela atual revolução da internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases. Essas bases, como se pode mostrar sem esforço, são decididamente pós-literárias, pós-epistolares e, conseqüentemente, pós-humanistas. Quem considera demasiado dramático o prefixo “pós-” nas formulações acima poderia substituí-lo pelo advérbio “marginalmente” – de forma que nossa tese diz: é apenas marginalmente que os meios literários, epistolares e humanistas servem às grandes sociedades modernas para a produção de suas sínteses políticas e culturais (SLOTERDIJK, 2000, p. 14).

É justamente para tematizar estas “novas bases” que Sloterdijk escreve o livro *Você deve mudar a sua vida! – Sobre a antropotécnica (Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik)*, no qual o significado da expressão principal é apresentado junto com o destaque da impor-

tância do exercitar-se (o que é direcionado para um estudo da ascese). Este exercitar-se busca satisfazer uma tensão vertical (ou aprumo) de cada um:

“Você tem que mudar sua vida!” Isso significa [...]. Você deve prestar atenção para o seu aprumo interior e examinar como a tração do polo superior age sobre você! Não é o andar reto que transforma o homem em homem, mas a consciência emergente do declive interior que faz com que o homem se levante (SLOTERDIJK, 2009, p. 99).

Mais uma vez aflui aqui a influência de Nietzsche sobre o autor. Sloterdijk parte da concepção de que devemos nos exercitar para satisfazer esta tensão vertical e, assim, transformar o mundo. Esta transformação depende mais de uma antropotécnica possível do que uma antropologia filosófica. Ela deve ser nova porque os tempos são outros. Isto é, não basta mais a leitura e as regras educativas do mundo iluminista. No enfretamento da torrente de processos desinibidores, proporcionados pelo consumo e pela tecnologia atuais, é preciso repensar os inevitáveis processos de poder, entre os quais está a seleção: onde alguns querem, mas a maioria deixa que os outros decidam por eles. A antropotécnica deve ser pensada e colocada em curso, orientando-se por esta prática de exercícios de ascese. Diante desse contexto, o autor adverte:

Agora está na época de lembrar novamente de todas as formas da vida de exercícios que não param de libertar energias *salutogênicas* mesmo quando as exaltações na direção de revoluções metafísicas, nas quais elas estavam integradas inicialmente, se dissiparam. Formas velhas devem ser examinadas, referente à sua reutilização, novas formas devem ser inventadas. Um novo ciclo de secessões deve começar, para tirar os homens novamente – se não do mundo – do embotamento, da depressão, do fanatismo, mas acima de tudo da banalidade, da qual Isaac Babel dizia que ela seria a contrarrevolução (SLOTERDIJK, 2009, p. 698).

Por isso, é preciso pensar quais serão estes exercícios “salutares” que apontam para o futuro. Eles o farão acompanhando o chamado de uma tensão vertical que cada um de nós possui. Somente aqueles que estão atentos a essa tensão vertical e praticam os exercícios certos de ascese (não superados) poderão ser os verdadeiros criadores dessa necessária antropotécnica que vem. Conclui-se que, no horizonte da análise de Sloterdijk, no aprofundamento da visão nietzschiana de “domesticação” do homem, o resultado é uma preocupação para além da pesquisa meramente acadêmica. No mundo, historicamente cultivado por “domesticações” do humano, qual antropotécnica está por vir?

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- EICHENBERG, F. Na companhia dos homens – entrevista com Jean Baudrillard. *CULT – revista brasileira de cultura*. São Paulo, n. 95, setembro de 2005, p. 9.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- _____. *Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik*. Frankfurt: Suhrkamp, 2009.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

www.fronteiras.com